SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

Considerações sobre a ARTE CONTEMPORÂNEA — CUBISMO

POR GASPAR ALBINO

J'aime la règle qui corrige l'émotion

Braque

«Les Demoiselles d'Avignon» será, talvez, o primeiro quadro em que poderemos verificar algumas das fundamentais características do movimento cubista. Data de 1906/1907 e, nele, Picasso, principalmente na parte direita dessa pintura, consegue dar-nos uma série de planos contrastantes e de arquitectura bem definida.

No ano de 1908, B aque apresenta-nos a sua obra «Maisons en l'Estaque», na qual essas características nos aparecem bem mais vincadas. Se bem que as primícias do movimento cubista se verifiquem num estado de espírito comum a alguns artistas de vanguarda, num período já anterior, é, no entanto, com estas obras que, poderemos dizer, se iniciou tal corrente.

Com efeito, é por voltas de 1906/1908 que a ala esquerda dos FAUVES se consegue divorciar deste movimento (que estudámos sucintamento no artigo anterior), lançando as bases do CUBISMO.

Será este que tentaremos analisar nas linhas que se seguem.

Um pouco mais tarde, DIE BRUCKE terá a mesma sorte, já que um grupo de artistas de Munique, DER BLAUE REITER, começa a dar-lhe os primeiros golpes demolidores e consegue suplantar os seus companheiros de Dresde.

É, portanto, de dissidentes do FAUVISMO que nascem as iniciais tentativas cubistas, resultantes duma evolução, diremos precipitada, do problema FAUVE, em direcção a uma atitude extremamente ortodoxa e rígida.

Sabemos que este problema se concentrava no resolver da construção do quadro, por meio dum movimento emocional mais ou menos lírico; ora é isto, precisamente, que os cubistas se recusam a aceitar como meio de afloramento artístico e, muito menos, a utilizar na sua produção. Esta discórdia, esta divergência, parece-nos ser muito mais de ordem mental que de ordem estética.

Voltando as costas ao dogma EMOÇÃO, os cubistas adoptam o princípio exposto por Braque: A REGRA DEVERÁ CORRIGIR ESSA EMOÇÃO.

É assim que uma certa lógica cartesiana começará a imiscuir-se nas artes e virá a influenciar não só a pintura e a escultura, mas também a arquitectura do século XX. Quer-nos parecer que terá sido mesmo essa lógica que foi a principal determinante do aparecimento da ARTE ABSTRACTA.

Por outro lado, só assim se poderá compreender a frase que mencionamos a seguir e que, por si só, consegue dizer muito. «Le cubisme ne pouvait naitre qu'em France».

Banindo da sua paleta todas as cores principais, os cubistas utilizam quase ùnicamente, pelo menos no início, os tons neutros em que predominam os cinzentos, os «café-au-lait», os verdes velhos ou sujos. Paleta forçosamente pobre, na qual a cor é relegada para um segundo plano, já que a CONSTRUÇÃO tem, no CUBISMO, o seu primado, e se pretende, de qualquer modo, afastar, matar, todo o afloramento emotivo.

Conquista-se a FORMA mediante um construtivismo laborioso e uma geometria subtil, diríamos complicada; e, uma vez obtida tal conquista, essa FORMA tornar-se-á mais e mais esquemática, necessàriamente mais generalizada.

Todos os elementos que não exerçam influência directa na estrutura da natureza — a atmosfera, o ambiente, a matéria, a cor local — são pura e simplesmente afastados.

A profundidade é sugerida por um jogo de planos e de sombras, engenhosamente obtidos por meio dum equilíbrio formal quase matemático.

Estas são as características do primeiro período do CUBIS-

Continua na página 5

«Portrait d'Ambroise Vollard», do famoso PABLO PICASSO — 1909-1910

JÚLIO DINIS e AUGUSTO SOROMENHO

pelo **DR. ANTÓNIO CHRISTO**

2

São também muito significativas as cartas que o insigne romancista de *As Pupilas do Senhor Reitor* dirigiu a Custódio Passos, irmão do conhecido e apreciado poeta Soares de Passos, nas quais se descobrem os períodos seguintes:

> a) — Agora entrou o Soromenho com um jornal em que se contradiz tudo quanto acabo de te dizer. Elles que o dizem é porque o sabem. /.../ Diz mais ainda o Soromenho que escapei a uma poesia à queima roupa, disparada não sei por quem. Talvez pelo proprio Mendes Leal. Que ch que! O mesmo Soromenho anuncia-me a visita de um inglez, parente de Lord Stanley, que aqui está estudando a historia dos descobrimentos portugueses, o qual inglez tem a excentricidade de querer traduzir as «Pupillas». O homem, pelos modos, já hontem me procurou. Entendendo perfeitamente o portuguez lido, não percebe palavra do pronunciado. Ha de ser curiosa a entrevista. Faze me lembrado do Luso e recebe do Soromenho /.../ muitas lembranças» (Lisboa, 25-3-1868).

Interrompo as transcrições para recordar um facto de evidente interesse: No *Jornal do Porto*, de 7 de Fevereiro de 1872, apareceu a informação, publicada dois dias antes no *Diário de Notícias*, de que Lord Stanley of Alderley estava a preparar a tradução para inglês das *Pupilas do Senhor Reitor*. E esclarecia-se, logo a seguir: «Dá-nos esta interessante notícia o *The Athenaeum*, jornal de litteratura que se publica em Londres, e do qual é correspondente em Lisboa o snr. Soromenho».

José Pereira de Sampaio (Bruno), na *Encyclopedia* dirigida por Maximiano de Lemos, refere a versão inglesa das *Pupilas* feita por Lord Stanley of Alderley; e o Prof. Doutor Egas Moniz, falando da expansão dos romances de Gomes Coelho no estrangeiro, indica-a também. Mas o sr. Jaime Napoleão de Vasconcelos, funcionário superior da Biblioteca Pública Municipal do Porto, teve a gentileza de, por intermédio de um amigo comum, fornecer-me sobre isto informações precisas: não se encontra nos catálogos daquela livraria a mínima referência a traduções inglesas das obras de Júlio Dinis; também não as menciona nem lhes faz qualquer alusão o *Catálogo da Exposição Bibliográfica de Júlio Deniz inaugurada no dia 13 de Novembro de 1939, na Biblioteca Pública Municipal do Porto, véspera do Centenário do grande Romancista*; e Aubrey Bell, na sua *Literatura Portuguesa*, afirma que a tradução de Lord Stanley «nunca se chegou a publicar».

Isto não significa, evidentemente, que sejam inexactas as notícias dadas à estampa na revista *The Athenaeum* e transcritas ou referenciadas no *Diario de Noticias* e no *Jornal do Porto*. Lord Stanley of Alderley — parente do historiador britânico que esteve em Lisboa a estudar a gesta dos descobrimentos portugueses e ali procurou Augusto Soromenho e Júlio Dinis — teria preparado uma versão para inglês das *Pupilas*, que, todavia, não chegou a ser impressa.

Já agora, e a propósito do *Jornal do Porto*, mais uma nota curiosa: Alberto Pimentel sublinhou que naquele acreditado órgão da Imprensa portuguesa «mui-

Continua na página 7

No dia dos teus anos

No dia dos teus anos, Mãe,
Quisera dar-te,
Com toda a minha arte,
A prenda mais apetecida:
A certeza de que o Tempo
Não andará mais,
Para que a vida seja sempre Vida,
E para que um dia, mais tarde,
Não tenha que ver-te
Como cinza que não arde.
Mãe: pede ao Tempo
P'ra não te envelhecer,
Que já é tempo
Do Tempo obedecer.

Silva Costa

Aveiro, 3 de Dezembro de 1960 ★ N.º 319

DES POR TOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

Campeonato Nacional da II Divisão

Beira-Mar, 2 — Boavista, 1

Árbitro — António Lopes Rosa, de Coimbra, auxiliado pelos srs. A'lvaro Rodrigues (bancada) e António Ferreira dos Santos (peão).

BEIRA-MAR — Violas; Louceiro, Liberal e Jurado; Amândio e Marçal; Miguel, Laranjeira, Garcia, Diego e Paulino.

BOAVISTA — Pais; Eugénio, Franco e Ribeiro; Cipriano (ex-S. Félix) e Sá Pereira (ex-Leça); Cabral, Adriano, Adérito (ex-F. C do Porto), Rolando (ex-F. C. do Porto) e Germano I.

O desafio que, no domingo, foi jogado entre beiramarenses e boavisteiros, rodeou-se de muito interesse, tanto pela posição dos portuenses, como pela importância que o mesmo tinha para as aspirações dos aveirenses. O *Estádio de Mário Duarte* registou, assim, boa afluência de público.

Sabendo que não podiam ceder mais pontos em casa, sob pena de sacrificarem quase totalmente as suas esperanças a um dos postos cimeiros, os elementos do onze local principiaram o encontro com excelente ritmo ofensivo, forjando, desde logo, magnificas ocasiões de golear. O domínio territorial e técnico dos amarelo-negros — que desta vez não se esqueceram de atirar à baliza... —, todavia, não teve a necessária correspondência nos ambicionados e mais que merecidos golos: os homens do Beira-Mar, ou por precipitação, ou por morosidade, fizeram gorar lances sobre lances, enquanto que o compartimento defensivo dos axadrezados, por seu turno, se escalonou muito bem e conjugou preciosos esforços num magnífico e acertado labor de destruição.

Diga-se, no entanto, que o Boavista valorizou grandemente o desafio, pois — embora tendo feito recuar ostensivamente o interior Rolando, para auxílio aos médios e aos *backs* — ensaiou, sempre que as oportunidades se lhe depararam, contra-ataques rapidíssimos e todos eles imbuídos de perigo iminente. Deste jeito, respondendo com astúcia ao maior *élan* e às mais evidentes garra e aplicação dos aveirenses, os boavisteiros deram, em largos períodos, uma feição de equilíbrio ao jogo.

O Boavista marcou primeiro, aos 32 m, por GERMANO I, mas pouco tempo se manteve na posição de vencedor, já que o Beira-Mar igualou, aos 33 m., por intermédio de DIEGO. O empate subsistiu até aos 60 m., altura em que PAULINO fechou a contagem, obtendo o golo que garantiu o merecido triunfo do Beira-Mar.

O encontro foi, autênticamente, um jogo de Campeonato, tendo terminado com um triunfo absolutamente certo, mas exíguo do Beira-Mar, cujos elementos (além de outras perdidas) viram a bola embater na madeira das balizas de Pais duas vezes...

Distinguiram-se: no Beira-Mar, Garcia, Amândio, Paulino, Lou-

Continua na página 6

Outros resultados do 10.º DIA

Caldas, 1 — Gil Vicente, 0
União, 2 — C. Branco, 1
Torriense, 3 — Oliveirense, 1
Sanjoanense, 3 — Feirense, 1
Marinhense, 5 — Chaves, 1
Vianense, 1 — Peniche, 2

OURO DE LEI

Assim sucede, na realidade. A multidão — enorme e incomensurável multidão — dos associados e dos adeptos do Beira Mar é, verdadeiramente, ouro de lei, é ouro do melhor e mais puro quilate. Constituída por aveirenses (naturais ou simplesmente radicados e logo «presos» a esta nossa terra) de todas as condições, a grande massa dos simpatizantes de Beira-Mar constitui uma força, plena de um vigor gritante e positivo.

Negá-lo seria negar-se, por exemplo, a luz do dia...

Os simpatizantes do Beira-Mar idolatram o seu Clube, que, afectuosamente, tratam pelo seu BEIRA-MARZINHO. Por ele, sacrificam-se; alegram-se; entristecem-se; vibram; gritam; choram; discutem; e, se necessário fosse, conquistariam o Mundo! — perdoe-se-nos o exagero da nossa comparação.

....

Na linha dos mais destacados «torcedores» do Beira-Mar, encontram-se, como todos sabem, os componentes da TERTÚLIA BEIRAMARENSE. Várias vezes, e elogiosamente, nos temos referido, nestas colunas, a louváveis iniciativas desse grupo de sacrificados aveirenses, em prol do engrandecimento do Beira-Mar.

E hoje, as presentes considerações são, também, para nos congratularmos com a sua recente realização, levada a efeito na noite da penúltima sexta-feira, 25 de Novembro findo. A chuva que caiu durante a marcha do Rossio para o largo fronteiro à sede do Clube, onde se concentrou densa multidão, não conseguiu arrefecer o ânimo dos bons beiramarenses e aveirenses que ali se reuniram para significar aos dirigentes e aos futebolistas amarelo-

Continua na página 6

Voltando ao caso «Labruna»

NÃO pretendemos, de modo algum, manter polémicas inúteis, nem foi nossa intenção fazer jornalismo de sensação no nosso último artigo. Não estamos — nem somos, ainda — contra a Direcção do Sport Clube Beira-Mar. Pelo contrário. Temos apreciado o esforço e sacrifício de alguns dirigentes, que tudo têm feito para valorização do Clube, do meu Clube também. Compreendemos ainda quão ingrata é a sua actividade, quando, ao cabo de tantas canseiras e porfiados esforços, vêem o seu trabalho persistente prejudicado e comprometido pelos imponderáveis do Desporto — neste caso a manifesta pouca sorte da equipa principal de futebol.

Isto não equivale a dizer, no entanto, que todas as decisões tomadas pela Direcção possam ter o nosso acordo: e o castigo a «Labruna» é uma delas. Aceitando a pouca sorte que por vezes tem acompanhado a nossa equipa de futebol, como já foi dito, consideramos injusto e infamante que se pretendam justificar desaires com o nome dum atleta. Era demasiado para um homem só, e vexatório. Trata-se, evidentemente, dum ponto de vista, uma opinião vertical, honesta e desassombrada.

Assim não o entendeu o orgão informativo do Clube. E «Respondendo a acusações» (sic) sem dar luz alguma ao caso, sem demonstrar que, afinal, «Labruna» é um jogador sem brio ou que o foi, vem apenas informar que Armando Coimbra não consta dos ficheiros do Clube (que importância tem isso?) que o castigo foi aplicado pela Direcção (por quem havia de ser?) e que estamos enganados sobre o quantitativo da transferência de Fernando Correia. Diz, ainda, que nos escondemos perguntando-nos se pretendemos ter mais conhecimentos do que o sr. Anselmo Pisa (argumento dum génio!); e termina recomendando calma, nada de aventuras com a caneta, conselhos como de um avôzinho indulgente e que muito apreciamos. Desculpe-nos, sr. Director de «O Beira-Mar»,

Continua na página 6

JOGO PARTICULAR

Beira-Mar, 4 — Salgueiros, 0

Anteontem, e sob arbitragem do sr. Manuel Soares, defrontaram-se nesta cidade, num desafio particular, os grupos principais do Beira-Mar e do Salgueiros, que apresentaram os seguintes elementos:

BEIRA-MAR — Violas (Sidónio); Louceiro, Liberal e Evaristo; Amândio e Hassane Aly; Miguel, Laranjeira, Correia, Diego e Paulino (Calisto).

SALGUEIROS — Abílio (Pinho); Sampaio, Gabriel (N. N.) e Necas; Germano (Mário Campos) e Ribeiro; Avelino (Lalo), Chico (Caraballo), Edgar (Chico), Dário e Borges.

O Beira-Mar venceu folgado e muito justamente, tendo produzido exibição de certo modo agradável.

Ao intervalo havia 3-0, em tentos de DIEGO, aos 6 m., CORREIA, aos 10 m., e DIEGO, novamente, aos 15 m.. Depois, aos 59 m., CALISTO fechou a contagem.

— RISO —

AMARELO... NEGRO

— Acha que o meu marido aguentará este suspense até final do Campeonato?

— Talvez... Se fizer um tertúlio todas as sextas-feiras, pode até deixar de ser um empata...

Basquetebol

Campeonato Distrital da I Divisão

A jornada inaugural da segunda volta ficou assinalada, tristemente, pelo abandono da equipa de Mogofores, que já não jogou com o Cucujães. O Águias, equipa com tradições e com alguns bons valores, faz falta ao torneio. Deste modo, e segundo os regulamentos do Campeonato, os resultados feitos pelos mogoforenses terão de ser anulados.

Nos outros desafios, registaram-se triunfos dos três grupos citadinos, havendo que relevar-se a facilidade e a clareza com que o Beira-Mar torneou o difícil obstáculo de S. João da Madeira. Depois, merece ainda saliência o facto do Galitos só ter conseguido diminuto avanço no encontro com o Illiabum. Finalmente, elogie-se, também, o precioso êxito que os esgueirenses alcançaram sobre o Sangalhos, já que ele situa excelentemente o Esgueira, na luta pela qualificação para o Nacional da II Divisão.

Galitos, 37 — Illiabum, 33

Jogo no Rinque do Parque, no sábado, à noite.

Árbitros: Carlos Neiva e Manuel Gonçalves

GALITOS — Albertino 4, José Fino 14, Hernâni 6, Artur Fino 5, Júlio 6, Naia 2 e Raul.

ILLIABUM — Matias 2, Balau 1, Cachim 4, Grilo 8, Elmano 12, Balseiro 4 e Jorge 2.

1.ª parte: 19-6. 2.ª parte: 18-27.

O Galitos conseguiu 17 cestas de campo e transformou 3 lances livres em 9 tentativas (33,33 %). O Illiabum obteve 14 cestas de campo e converteu 5 lances livres em 17 tentativas (29,41 %).

Sanjoanense, 33 — Beira-Mar, 50

Jogo no Pavilhão de Desportos, na quarta-feira à noite.

Árbitros: Manuel Bastos e Narsindo Vagos.

SANJOANENSE — Tavares 2, Armando 3, Fontes 4, Edmundo 12, Joaquim Lagoa 6, Mário, Aureliano 6 e Américo.

BEIRA-MAR — Necas 5, Feliciano 4, José Luís Pinho 8, Paroleiro 11, Rosa Novo 18, Salviano 4, Herculano, Luís Maria, Vidal e Duarte.

1.ª parte: 11-24. 2.ª parte: 22-26.

A Sanjoanense conquistou 11 cestas de campo e

Continua na página 6

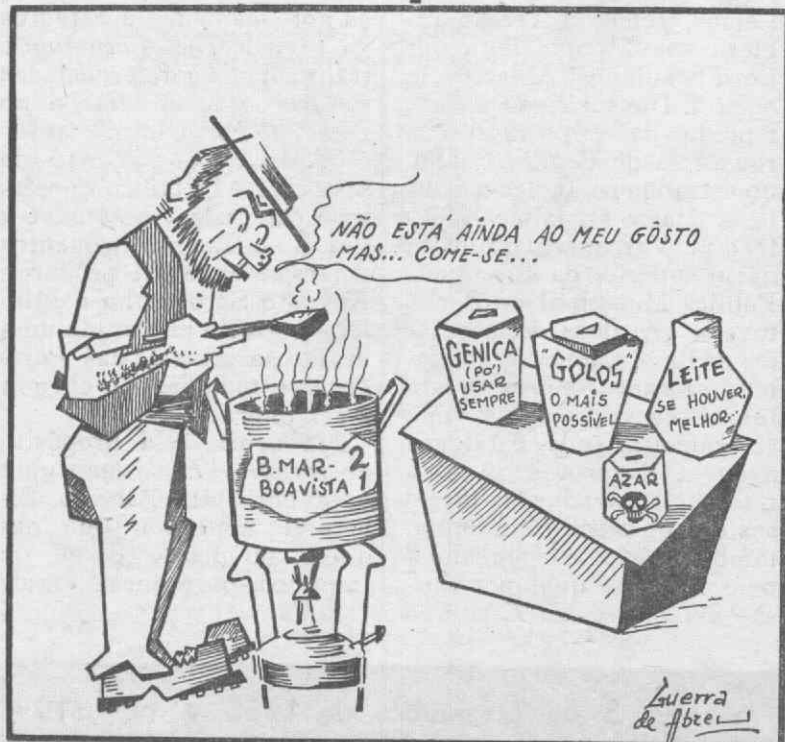
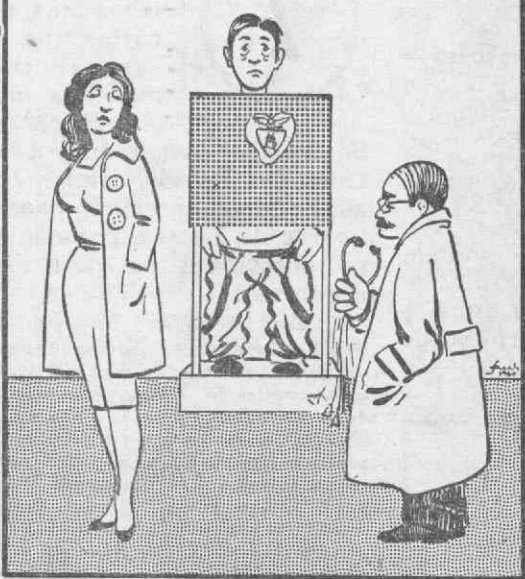
XADREZ DE NOTÍCIAS

Amanhã, a contar para o Campeonato Nacional de Futebol da II Divisão, efectuam-se, na décima primeira jornada, os seguintes desafios: Caldas - União, Castelo Branco - Beira - Mar, Boavista - Torriense, Oliveirense - Sanjoanense, Feirense - Marinhense, Chaves - Vianense e Gil Vicente-Peniche.

O desafio de Castelo Branco será dirigido pelo árbitro sr. Alfredo Louro, da Comissão Distrital de Lisboa.

Continua na página 6

Segundo os meteorologistas, espera-se que um anti-ciclone venha a influenciar, favoràvelmente, o estado do tempo. Se assim fôr, teremos por mais alguns dias o Sol quente e primaveril que, depois de violento temporal, veio amenizar o ambiente...

Da minha janela...

1 Há dias, num dos habituais encontros com o Dr. Lúcio Lemos, técnico de basquetebol ao serviço do Beira-Mar, falámos, naturalmente, do decorrer do torneio regional da modalidade, no qual, como se sabe, a equipa beiramarense ocupa, com muito mérito, o segundo lugar da classificação. E a conversa generalizou-se, como é hábito entre «carolas» do Desporto, abordando-se, quase sem darmos por isso, a falta de campos de jogos. No caso vertente, então, o problema torna-se angustiante. Vejamos: o referido técnico treina, em condições deficientíssimas, além da categoria principal, cerca de 50 rapazes que lhe aparecem aos sábados de tarde no desmantelado campo de basquetebol do Estádio de

Continua na página 4

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	CENTRAL
Domingo	M. CALADO
2.ª feira	A L A
3.ª feira	M. CALADO
4.ª feira	AVEIRENSE
5.ª feira	SAÚDE
6.ª feira	OUDINOT

Dr. Bravo Serra

Acaba de ser promovido a Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça o Desembargador da Relação de Coimbra sr. Dr. José Maria Bravo Serra, que exerceu as funções de Corregedor do Círculo Judicial de Aveiro.

Magistrado de invulgares qualidades intelectuais e morais, o sr. Dr. Bravo Serra conquistou em Aveiro as maiores simpatias, sendo ainda hoje lembrado com saudade por quantos com ele trabalharam ou simplesmente o conheceram.

O *Litoral* apresenta ao novo Juiz Conselheiro, que tanto honra a magistratura portuguesa, as suas felicitações.

Dr. Barata dos Santos

Por um lamentável lapso, de que só agora demos conta, não publicámos oportunamente a notícia da homenagem prestada, em 10 de Novembro passado, ao sr. Dr. Francisco Mendes Barata dos Santos, Juiz de Direito na Comarca de Aveiro, por motivo da sua transferência para o 6.º Juízo Civil da Comarca de Lisboa.

Foi-lhe então oferecido um jantar de despedida, a que presidiu o homenageado, sentando-se a seu lado o sr. Dr. Fernandes Costa, Corregedor do Círculo Judicial, e o sr. Dr. Vilas-Boas do Vale, Juiz de Direito do 2.º Juízo, tendo assistido quase todos os advogados e funcionários judiciais da Comarca de Aveiro, numa eloquente manifestação de simpatia e apreço.

Usaram da palavra, para enaltecer as qualidades pessoais e profissionais do ilustre magistrado, os srs. Dr. Fernandes Costa, Dr. Carlos Vilas-Boas do Vale, Dr. Tinoco de Faria, Dr. Fernando Moreira, Dr. Querubim Guimarães, Dr. José Carinha, Dr. Manuel das Neves, Dr. Luís Regala e Dr. Júlio Calisto, que brindou o homenageado com a leitura de uma curiosa poesia.

Em nome do funcionalismo, falou o Chefe de Secretaria sr. Armando Camelo de Amorim.

Todos significaram ao sr. Dr. Barata dos Santos a consideração que lhe votavam e a saudade com que o viam partir, desejando-lhe as maiores prosperidades, que bem merece por suas muitas virtudes.

Lidos os telegramas de saudação, o sr. Dr. Barata dos Santos agradeceu a homenagem, que muito o sensibilizou, afirmando que de todos levava as mais gratas recordações.

Tribunal do Trabalho

Pela recente reorganização dos Tribunais do Trabalho, o de Aveiro foi desdobrado em duas Varas, o que revela a importância do movimento no nosso Distrito e é motivo de orgulho para a cidade.

Espera-se da reorganização o aperfeiçoamento dos serviços.

O 52.º Aniversário dos «Bombeiros Novos»

Passou na passada quarta-feira, dia 30 de Novembro findo, o quinquagésimo segundo aniversário da benemerente *Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes* («Bombeiros Novos»).

Na data mencionada, e assinalando a efeméride, o Corpo Activo da Companhia formou, pelas 7 horas, para assistir ao solene hastear da Bandeira da Corporação.

No prosseguimento das comemorações do aniversário, a Direcção e o Comando da Companhia Guilherme Gomes Fernandes promove mais os seguintes números:

HOJE — *às 19 horas*, jantar de confraternização, no Restaurante Galo d'Ouro. AMANHÃ — *às 8.45 horas*, hastear da Bandeira, com formatura do Corpo Activo; *às 9 horas*, na paroquial da Vera-Cruz, missa de sufrágio pelos bombeiros, sócios e benfeitores falecidos, seguida de romagem aos cemitérios, em preito de saudade; e, *às 11.30 horas*, sessão solene comemorativa, no edifício do quartel-sede da Companhia.

«Marcha de Aveiro»

O nosso conterrâneo Nuno Meireles, há largos anos radicado na capital, teve a gentileza, que agradecemos, de nos oferecer um exemplar da música e letra da sua recente composição «Marcha de Aveiro», que a artista Isabel Silva acaba de gravar em disco «Parlophone», para conhecida casa da especialidade *Valentim de Carvalho, L.da.*

IV Recenseamento de Trânsito

Na próxima sexta-feira, dia 9 do corrente mês, realiza-se a última contagem do recenceamento de trânsito nas estradas nacionais de todo o País, pelo que nos foi solicitado, pelo sr. Director de Estradas do Distrito de Aveiro, que dessemos conhecimento do facto aos usuários da estrada, solicitando-lhes a maior atenção para os possíveis sinais de afrouxamento que lhes sejam feitos pelo pessoal cantoneiro incumbido desse serviço — que, fàcilmente se compreende, é de grande importância para o estudo dos problemas que dizem respeito à construção, reconstrução e beneficiação da nossa rede rodoviária.

Rotary Clube

Na penúltima segunda-feira, no Restaurante Galo d'Ouro, o Rotary Clube de Aveiro promoveu a sua anunciada reunião dedicada às comemorações da *Semana da Fundação Rotária.*

O sr. Egas Salgueiro, que presidiu, convidou para a costumada saudação à Bandeira Nacional o sr. Alberto Casimiro Ferreira da Silva. A seguir, o Secretário do Clube, sr. Carlos Alberto Soares Machado, ocupou-se do expediente, dentre ele salientando diversas passagens da Carta Mensal do Governador do Distrito Rotário 176 (Portugal).

No subsquente período, fizeram comunicações os srs.: Egas Salgueiro — que se ocupou da atribuição do *Bodo de Natal* que o Rotary de Aveiro costuma atribuir, falando, também, de diversos assuntos de interesse rotário, e anunciando que virá a Aveiro proferir uma palestra, no próximo dia 12, o Past-Governador Rotário sr. Dr. Raul do Carmo e Cunha —; e Eduardo Cerqueira, este para evocar a figura prestigiosa do chino-portguês Fu Tack Iam, sócio honorário do Rotary Clube de Macau, recentemente falecido, e para lembrar a passagem de mais um aniversário sobre a data da entrega da Carta Constitucional ao Rotary de Aveiro.

O sr. Dr. José Manuel Canavarro proferiu, então, a sua anunciada palestra, que subordinou ao tema «Consciência Rotária», nela analisando, com grande interesse, diversos problemas do Rotary.

No mesmo sentido, usaram ainda da palavra os srs. Eduardo Cerqueira e Eng.º Nóbrega Canelas, o último para fazer o protocolar comentário da reunião, que, depois, foi encerrada pelo sr. Egas Salgueiro.

EM DEFESA DE PORTUGAL

NO dia 30 de Novembro, o sr. Presidente do Conselho proferiu, na Assembleia Nacional, um notável discurso sobre as campanhas anticolonialistas ùltimamente desencadeadas — nas quais, em termos absolutamente infundados e sabidamente atentatórios dos nossos direitos de soberania, se pretende envolver Portugal.

Com extraordinária clarividência, inquebrantável firmeza e exemplar serenidade, o sr. Prof. Doutor Oliveira Salazar analisou os gravíssimos problemas suscitados — dos quais ninguém poderá honestamente alhear-se — e definiu muito claramente a posição portuguesa perante eles.

O magistral discurso do sr. Presidente do Conselho, vibrantemente aplaudido, teve a maior repercussão na Imprensa de todo o Mundo culto.

Impossibilitados, por agora, de mais largas referências, chamamos a atenção dos nossos leitores para a notabilíssima exposição do ilustre Chefe do Governo — que todos os portugueses, sem quaisquer distinções, têm o indeclinável dever de meditar, para mais conscientemente poderem reafirmar a unidade indispensável à defesa dos nossos direitos, simultâneamente legítimos e sagrados.

Casa do Povo de Esgueira

Com grande concorrência, realizou-se, na Casa do Povo de Esgueira, uma Assembleia Geral Ordinária, que se ocupou de vários assuntos de interesse para a instituição e procedeu à eleição de novos Corpos Gerentes, que são os seguintes, para o triénio 1961/63:

Assembleia Geral — Presidente, João Lopes de Almeida; *1.º Secretário*, Lisandro Vasconcelos de Carvalho; e *2.º Secretário*, Joaquim Rodrigues da Silva.

Direcção — Presidente, Américo Ramalho; *Tesoureiro*, Filinto Nunes Feio; e *Secretário*, Isaís dos Santos Figueiredo.

Ciclista colhido por um automóvel

Na Rua do Clube dos Galitos, na segunda-feira, quando o automóvel HF-19-59, conduzido pelo seu proprietário, sr. José Augusto Fatornilho, comerciante, residente em Porto-Mar (Mira), fazia uma manobra de marcha-atrás, colheu o sr. Levi dos Santos Tendeiro, pedreiro, residente em Gafanha da Vagueira, no momento em que este seguia montado numa bicicleta motorizada.

O ciclomotorista caiu por terra, sendo depois conduzido ao Hospital da Misericórdia, onde ficou internado, com a perna direita fracturada, além de outros ferimentos.

DA MINHA JANELA...

Continuação da página dois

Mário Duarte. Podemos imaginar, daí, o desânimo que se apodera do Dr. Lúcio Lemos, olhando os miúdos sem poder envolvê-los no ambiente carinhoso que lhes é devido, oferecendo-lhes um recinto condigno onde a aprendizagem se torne possível. Ou não será que nos atletas embrionários é que se encontram os futuros representantes duma Colectividade e do próprio Desporto nacional?

Assim é, de facto. Mas há quem não pense do mesmo modo... e, segundo a previsão do antigo treinador da Académica de Coimbra, o basquetebol aveirense, que podia e devia ocupar um lugar bem marcante, acabará por quase desaparecer...

É uma realidade bem triste, que nós assinalamos na ténue esperança de que a profecia seja contrariada pelos homens — esses homens que, inexplicàvelmente, são capazes dos maiores sacrifícios pelo futebol, desconhecendo que a palavra Desporto engloba algo mais!...

2 Foi visível o nervosismo dos futebolistas do Beira-Mar no encontro com o Boavista. E, se analisarmos bem os antecedentes, o caso não era para menos. Os últimos tempos têm sido de verdadeira amargura para os simpatizantes do popular Clube, que não atinam com o fracasso da equipa, apostada em contrariar as mais autorizadas opiniões.

Claro que os jogadores, mais do que ninguém, sentem a desdita, e não admira que o seu rendimento se venha a reflectir nos resultados.

No domingo, por exemplo, além da inoperância habitual dos avançados — que tardam em encontrar o caminho das redes —, sentimos a insegurança do «keeper», melhor dizendo, o seu desassocego, sempre os avançados boavisteiros se abeiravam das defesas contrárias. Tudo isto a refletir a maneira como se encarou, no início da época, a obtenção dois ou três resultados demasiado felizes, que induziram muito boa gente em erro ... Mas é inegável que a equipa, não sendo famosa como muitos pretendem, tem bagagem técnica suficiente para lutar pelos primeiros lugares. O essencial é que a sorte não a desampare e que os apaniguados apenas exijam o que está, presentemente, ao seu alcance.

3 *Em S. João da Madeira, no magnífico Pavilhão de Desportos, efectuou-se, no pretérito sábado, um encontro de andebol de sete, entre as equipas representativas de Portugal e da Espanha, a contar para o Campeonato do Mundo.*

Não vamos aqui falar no decorrer do jogo, nem apreciar os pormenores técnicos de que o mesmo se revestiu. Optamos, antes, por fazer uma referência, aliás justíssima, ao Grupo Académico Vareiro, que, numa demonstração de muito carinho pela modalidade, fez deslocar ao belo recinto da Sanjoanense todos os seus jogadores, dando-lhes oportunidade de colher os ensinamentos inerentes ao jogo.

Que saibamos, os clubes da cidade que se dedicam ao Andebol ficaram estáticos, como, aliás, vai sendo hábito... Salvou-se, apenas, a atitude dos vareiros, a quem a Associação Regional fez sentir o seu muito agrado.

Secção de Hóquei em Patins do Clube dos Galitos

Convocatória

Nos termos do parágrafo 1.º do artigo 13.º dos Estatutos desta Secção, convoco a Assembleia Geral Ordinária para o próximo dia 6 de Dezembro de 1960, pelas 20.30 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

a) Meia hora para discussão de quaisquer assuntos;

b) Leitura, discussão e aprovação do Relatório e Contas do exercício de 1960;

c) Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1961.

Se à hora marcada não comparecer o número legal de sócios, a Assembleia funcionará uma hora depois com qualquer número de associados.

Aveiro, 30 de Novembro de 1960

O Presidente da Assembleia Geral

a) Alberto Casimiro F. da Silva

cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje — Os srs. Dr. Gabriel Teixeira de Faria, Rodrigo dos Santos Ferreira e Tobias dos Santos Calisto; e as meninas Rosa Maria e Maria Manuela Martins Gamelas, filhas do sr. Lourindo de Jesus Gamelas, ausentes em Ambriz (Angola), e Maria Madalena, filha do sr. António Joaquim da Cunha.

Amanhã — As sr.as D. Otília Limas Belmonte Pessoa, esposa do sr. Mário de Sequeira Belmonte, prof.a D. Alice da Conceição Pedrosa Estudante, esposa do sr. prof. Manuel Estudante, e D. Amandina da Rosa Lima, esposa do sr. Tobias dos Santos Calisto; os srs. Virgílio da Conceição Veiga, Inspector Administrativo e antigo Director da Secção Desportiva do LITORAL, Lourenço Vicente Ferreira e Carlos Pimentel de Matos, aveirense residente na cidade de Sobral (Ceará-Brasil); e o menino João Manuel de Castro Peixinho, filho do sr. João dos Santos Peixinho.

Em 5 — As sr.as D. Idumeia Gomes Craveiro, esposa do sr. Dr. Eduardo Vaz Craveiro, D. Maria Gamelas Santana, esposa do sr. Tenente Manuel Nogueira Santana, Director do Asilo, D. Maria Júlia Seabra de Oliveira, esposa do sr. Virgílio de Oliveira, e D. Zulmira Carvalho Moreira, filha do sr. Baptista Moreira; e o sr. José Henriques dos Santos.

Em 6 — A sr.a D. Ermelinda Vidal Leite Pais e seu marido, sr. António Ferreira Leite Pais; os srs. António Mendes de Andrade Piçarra e José Marques de Almeida, residente no Brasil; e a menina Ismália da Conceição Graça e Silva, filha do sr. Salviano Gomes da Silva.

Em 7 — A sr.a D. Maria Margarida Ventura Gamelas Castilho, esposa do sr. Fausto Castilho; e os srs. Dr. Adérito Jaime Mendes Madeira, Manuel Pascoal e Jeremias dos Santos Moreira.

Em 8 — As sr.as D. Maria Perpétua da Encarnação Dias da Silva, esposa do sr. Eng.º Gumerzindo Henriques da Silva, prof.a D. Armanda da Conceição Vieira, esposa do sr. Manuel dos Santos Ferreira, D. Elvira Maria Borrego e D. Maria Ângela de Seabra Oliveira; os srs. D. Diogo Viana de Lemos, João Gonçalves Rodrigues Costa, Francisco Simões Cruz e José Gil Carvalho da Silva; e a meninas Maria da Conceição Marques Vinagre, filha do sr. Joaquim Vinagre dos Santos.

Em 9 — A sr.a D. Magna de Pinho Freitas, esposa do sr. Tenente-coronel António de Pinho Freitas, Director da Escola Central de Sargentos, em Águeda; o sr. Dr. João Salgueiro Pessoa, médico nos Açores; e o menino Carlos Manuel Dias Melo, filho do sr. Manuel dos Santos Melo.

NASCIMENTOS

★ Na cidade de Santos (Brasil), nasceu, do dia 24 do mês de Novembro findo, o primeiro filhinho ao casal da sr.a D. Neusa Lopes Picado e do nosso conterrâneo sr. João Manuel da Silva Picado Júnior.

O neófito recebeu o nome de João Manuel.

★ No dia 27 do passado mês de Novembro, foi enriquecido com o nascimento de uma filhinha o lar da sr.a D. Maria da Graça Calisto Pires Vicente Ferreira Neves e do médico aveirense sr. Dr. Alberto de Sousa Machado Ferreira Neves.

Os nossos parabéns

CASAMENTO

Na paroquial de S. Bernardo, consorciaram-se, no dia 13 de Novembro findo, a sr.a D. Irene de Oliveira, filha da sr.a D. Engrácia Bandeira de Oliveira e do sr. António de Oliveira, e o sr. Augusto Ferreira Polónio, filho da sr.a D. Rosa Rodrigues Ferreira e do sr. Diamantino dos Santos Polónio.

Serviram: de madrinha, a sr.a D. Maria Emília Rodrigues dos Santos; e de padrinho, o sr. José Gil Ferreira da Silva Carvalho.

Ao novo lar desejamos as melhores venturas

JOÃO CONDE

Teve a gentileza de apresentar cumprimentos de despedida na Redacção do *Litoral*, o nosso bom amigo sr. João Rogério de Oliveira Conde, um jovem e activo funcionário gráfico que, durante alguns anos, esteve empregado em «A Lusitânia» e agora vai exercer a sua actividade profissional em Lisboa.

Gratos pela deferência, aqui arquivamos, como nos solicitou, as suas despedidas a todos os seus amigos aveirenses.

AGRADECIMENTO

Sara Henriques de Oliveira e Silva Biscaia agradece, por esta forma e muito reconhecida, na impossibilidade de pessoalmente o fazer, a quantos se interessaram pela sua saúde, durante a doença que recentemente a afligiu.

Aveiro, 29 de Novembro de 1960

Agradecimentos

Severiano de Pinho Vinagre

A família do saudoso extinto, vem, por este meio, agradecer, muito reconhecidamente, a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la na sua dor e se incorporaram no seu funeral acompanhando-o à sua última morada.

Maria da Luz Bastos Almeida

Seu sobrinho, Mário Joaquim Bastos da Costa, e sua mulher, Maria Alice das Neves Costa, agradecem a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada.

Aveiro, 30-11-960.

• corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui •

da ARTE CONTEMPORÂNEA

Continuação da primeira página

MO, o chamado PERÍODO ANALÍTICO.

Um rigorosismo de elaboração, tão exaustivo como o que descrevemos, torna-se, a breve trecho, insustentável. E é assim que este movimento começa logo a sofrer autênticas metamorfoses, produto de desvios mais profundos.

Em pouco tempo, aparece-nos o CUBISMO HERMÉTICO e, logo após, o CUBISMO SINTÉTICO, em que se reabilita a linha ondulante e leve (nunca apaixonada ou sensual!) e a paleta alarga-se e passa a albergar maior variedade de cores.

A geometria deixa de ser tão rígida e os corpos deixam o seu modelado quase em superfície, para serem representados em vários planos, conforme os ângulos de visão.

Retoma-se o incipiente POINTILLISME do princípio do século e usa-se uma gama enorme de pinceladas, de colorido, e de material.

Explora-se o CUBISMO no espaço, em que o recurso aos fortes contrastes cromáticos é frequente, se bem que o seu estaticismo de construção se procure manter.

Por volta de 1914/1915, aparecem-nos as primeiras obras com COLAGENS.

Papel colorido, esmeril, cartão canelado, fios de variadas cores e tecidos de padrões diferentes, tudo isto serve e aparece como elemento de composição, tornando o quadro diferente e com um encanto especial.

Não há, não se encontra uma linha evolutiva e de lógica segura, ao estudarmos este movimento estético. Uma coisa é certa: os laços que prendem esta arte ao figurativo ainda são bem fortes.

Só quando eles se quebrarem, o que acontecerá mais tarde, é que assistiremos ao nascimento de um dos aspectos da arte não-figurativa.

Estética reduzida a fórmulas, o CUBISMO deu azo a que aparecessem inúmeros «talentos» (?). Extraordinàriamente difundido em todo o Mundo, temos de confessar, apesar dessa difusão, que são raros os grandes pintores deste movimento. Abundam os ditos «talentos», mas os «génios» são poucos.

De tal abundância de pintores só haveria a esperar que aparecesse um verdadeiro ACADEMISMO acabrunhante. Foi o que aconteceu. E é pena.

Gaspar Albino

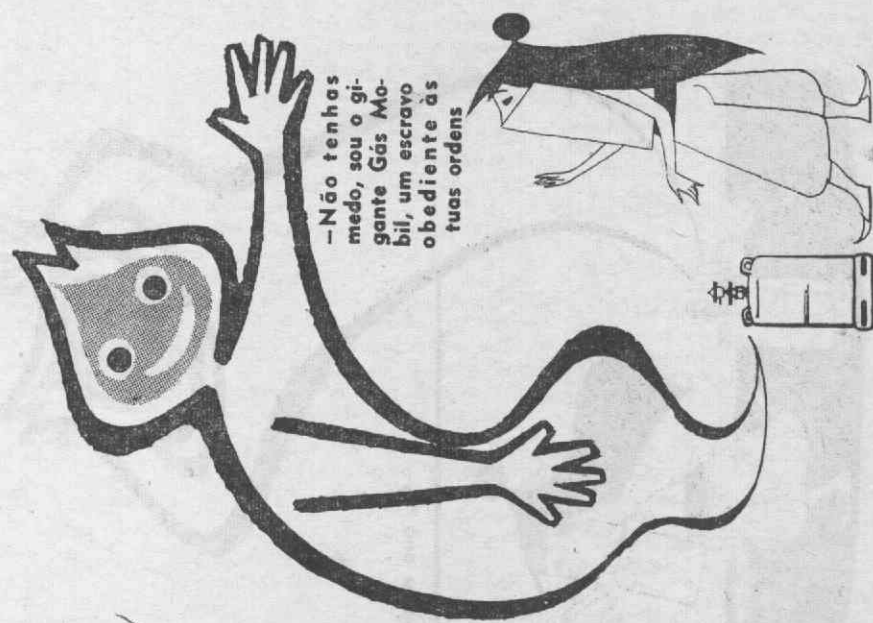
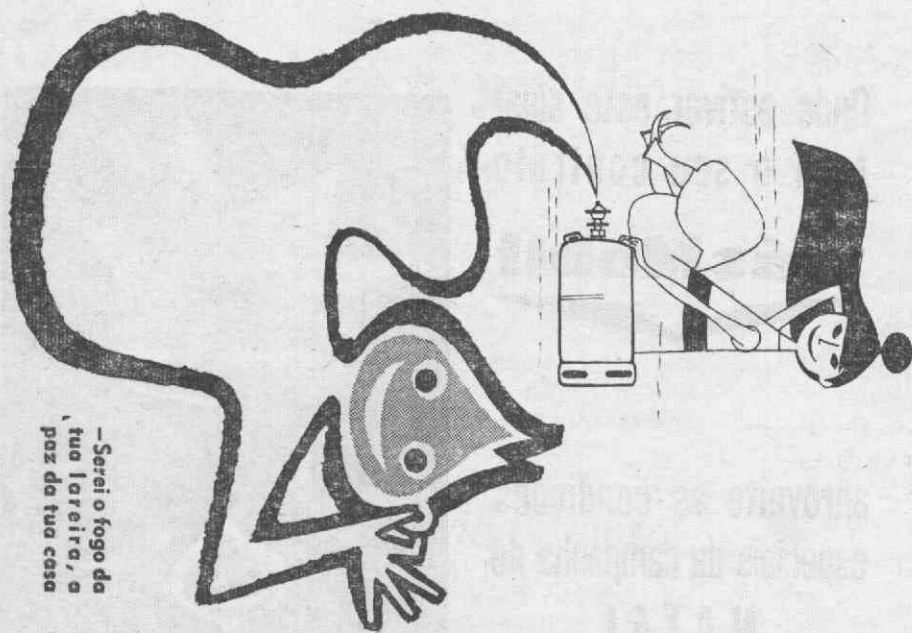
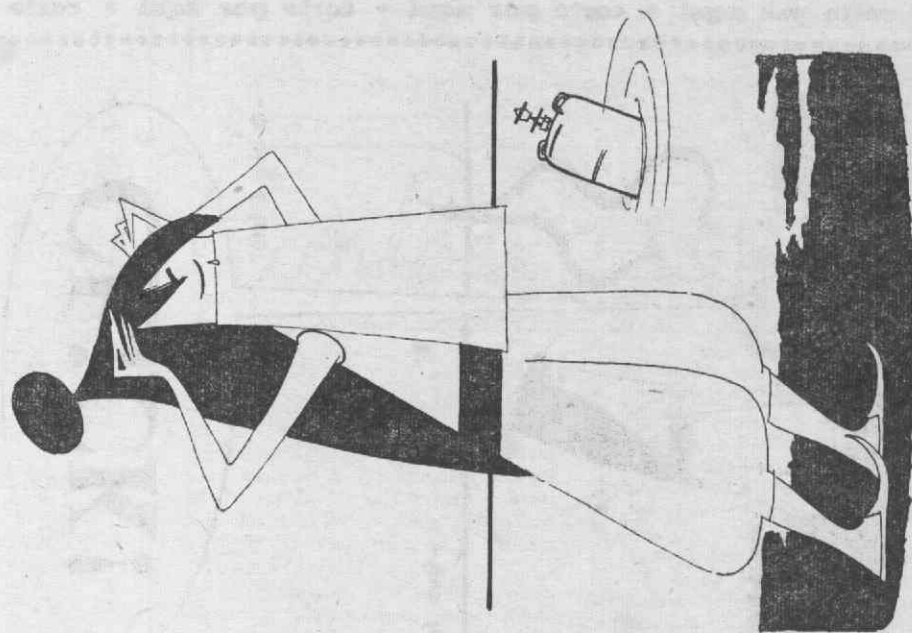
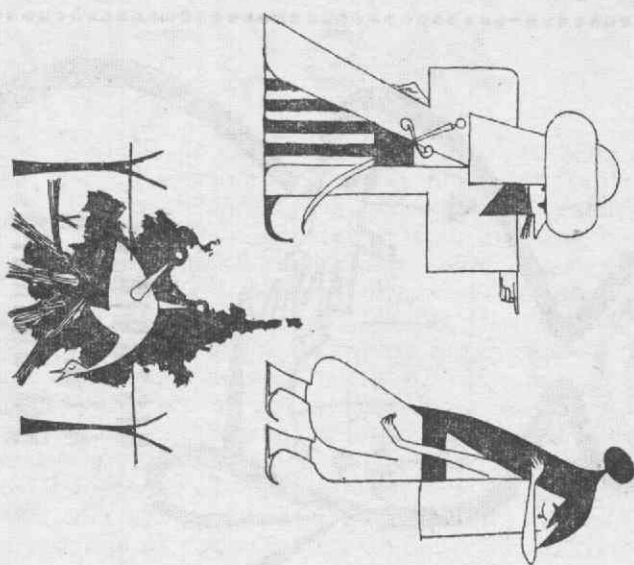
SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio
1.ª Publicação

Pela Primeira Secção do Primeiro Juízo desta Comarca correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados Hilário Vieira Dionísio e mulher, Laurinda de Jesus Ferreira, residentes em Nariz, desta Comarca, para, no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos, nos autos de acção de despejo, em execução de sentença que a exequente Maria Lameira da Fonseca, casada, doméstica, residente no lugar de Mamodeiro, freguesia de Nariz, desta Comarca, move contra os executados.

Aveiro, 24 de Novembro de 1960

O Juiz de Direito,
Silvino Alberto Vila Nova
O Chefe de Secção,
Joaquim Mendes Macedo de Loureiro

Litoral ★ Aveiro, 3 - XII - 1960 ★ N.º 319

—Serei o fogo da tua lareira, a paz da tua casa

—Não tenhas medo, sou o gigante Gás Mobil, um escravo obediente às tuas ordens

3258

corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui • corte por aqui •

CONTINUAÇÕES DA SEGUNDA PAGINA

OURO DE LEI

-negros que continuam esperançados na conquista da meta que todos ardentemente desejamos.

E esse fim — afinal, o que sobremaneira importava — foi plenamente atingido. O resto (questões concernentes a meros pormenores de oportunidade e organização da marcha de solidariedade) pouco interessa e pouco significado tem, sabido como é que o bom beiramarense acorre sempre à voz de chamada, quando é necessário que todos os beiramarenses se unam — muito embora nunca abdique das suas próprias opiniões, quando se lhe afiguram certos e sensatos.

Durante a manifestação, usaram da palavra os srs.: Coronel João da Costa Moreira, pela Tertúlia; Carlos Gomes Teixeira; Presidente da Direcção do Beira-Mar; Fernandes Monteiro, pelos associados e simpatizantes; e Anselmo Pisa e Manuel Marques Liberal, respectivamente treinador e «capitão» do team de honra do Sport Clube Beira-Mar.

O caso «Labruna»

mas consideramos isso conversa de chacha...

Numa síntese rápida, desejamos esclarecer o seguinte: o LITORAL não é um jornal duma só família, mas duma cidade, independente, aceitando todos os pontos de vista honestos. O pseudónimo, se assim o quiser entender, pode ser, quando muito, uma comodidade e, às vezes, até significa modéstia. Não é de hoje, nem de ontem.

Escondermo-nos? De quem e de quê? Aliás, assumimos inteira responsabilidade pelo que escrevemos.

Mas, sr. Director do Órgão Informativo, uma vez que não acha correcto, justo e humano o pseudónimo, como consente que, no Jornal que dirige, ai mesmo em sua casa, essa prática seja uso corrente? Ou os nomes de EMECÊ JO-TA-DE e ABROUSAGAL existem nos ficheiros de sócios do Clube? Não será a ideia o que importa?

Não, sr. Director! Não somos, efectivamente, daqueles que só dizem amen, nem nos servimos da pena para lisonjas. Dizia o ilustre advogado Dr. Ângelo César, que a lisonja é pior que os corvos, pois que enquanto estes comiam o carne dos mortos, aquela come a carne dos vivos. Aliás, nunca a mordaça serviu a consciência humana...

Maneiras de ver...

Armando Coimbra

Xadrez de Notícias

A Associação de Andebol de Aveiro, no intuito de fazer disputar o primeiro Campeonato Distrital de Andebol (11 jogadores), fixou, até o dia 10 do corrente, o prazo de inscrição naquela prova.

Segundo o mencionado pelo árbitro no relatório do encontro Beira-Mar — Boavista, a Federação Portuguesa de Futebol suspendeu o extremo direito portuense, Cabral, durante três jogos oficiais, e o defesa esquerdo aveirense, Jurado, por um desafio.

Se chegarem a bom termo as negociações actualmente em curso, é possível que a Selecção da França, em andebol de sete, que vem ao Porto defrontar a Selecção de Portugal, em jogo da fase eliminatória do Campeonato do Mundo, se exiba entre nós (em Aveiro ou Ílhavo), tendo como adversário o grupo representativo da Associação de Andebol de Aveiro.

O Salgueiros, que anteontem jogou em Aveiro com o Beira-Mar, defronta no dia 8, o Estarreja, num desafio particular de futebol.

Luís Robalo de Almeida, andebolista, basquetebolista e corredor fundista do Clube dos Galitos, foi recentemente colocado em Portalegre, pelo que deixou de prestar o seu habitual concurso aos alvi-rubros.

FUTEBOL

ceiro e Liberal; e, no Boavista, Franco, Cipriano, Pais e Ribeiro.

A arbitragem pecou por haver, sistemàticamente, beneficiado o infractor, e por haver falhado, rotundamente, no aspecto disciplinar. O extremo Cabral, do Boavista, que se excedeu em comportamento condenável, merecendo ser expulso por agressão, nem sequer repreendido foi! — apesar de ter reincidido nessa sua indesculpável falta, que, pelo menos, foi claramente presenciada pelo juiz internacional A'lvaro Rodrigues...

Mapa da Classificação

CLUBES	J	V.	E.	D	Bolas	P.
Oliveirense	10	7	—	3	23 - 13	14
Marinhense	10	6	1	3	23 - 9	13
Boavista	10	6	—	4	25 - 16	12
Torriense	10	5	2	3	17 - 16	12
Beira-Mar	10	3	5	2	16 - 14	11
C. Branco	10	4	3	3	17 - 15	11
Caldas	10	5	1	4	15 - 18	11
Peniche	10	4	2	4	13 - 16	10
Sanjoanen.	10	4	2	4	17 - 21	10
Chaves	10	3	3	4	17 - 23	9
União	10	4	1	5	14 - 22	9
G. Vicente	10	3	2	5	14 - 14	8
Vianense	10	2	1	7	10 - 16	5
Feirense	10	1	3	6	19 - 27	5

Sumário Distrital

Diversos factores condicionam, hoje, a redução das notas informativas sobre os diversos torneios regionais, de que nos limitamos a indicar os resultados obtidos no pretérito domingo e a anunciar os próximos desafios.

I DIVISÃO

Arrifanense, 2 — Espinho, 2; Pejão, 6 — Cesarense, 1; Lusitânia, 2 — Lamas, 1; Vista Alegre, 0 — Recreio, 4; e Ovarense, 1 — Cucujões, 0.

Jogou-se, já anteontem, nova ronda — cujos desfechos referiremos na próxima semana. Amanhã, os desafios são os seguintes: Arrifanense — Recreio, Pejão — Lamas, Cesarense — Espinho, Lusitânia — Ovarense, e Vista Alegre — Cucujões.

No dia 8, defrontam-se: Ovarense — Arrifanense, Recreio — Pejão, Lamas — Cesarense, Cucujões — Espinho e Vista Alegre — Lusitânia.

RESERVAS

Arrifanense, 4 — Feirense, 2; Pejão, 1 — Sanjoanense, 2; Espinho, V — Lusitânia, D; Cucujões, 1 — Recreio, 1; e Estarreja, 3 — Ovarense, 2.

Amanhã jogam: Lamas — Arrifanense, Feirense — Sanjoanense, Espinho — Pejão, Beira-Mar — Cucujões, Recreio — Estarreja e Oliveirense — Ovarense.

JUNIORES

Espinho, 6 — Cucujões, 0, Sanjoanense, 4 — Feirense, 2, Arrifanense, 2 — Oliveirense, 2, Vista Alegre, 0 — Anadia, 2, Estarreja, 1 — Beira-Mar, 2, e Ovarense, 5 — Recreio, 1.

Jogos para amanhã: Cucujões — Arrifanense, Feirense — Espinho, Oliveirense — Sanjoanense, Anadia — Ovarense, Beira Mar — Vista Alegre e Recreio — Estarreja.

Basquetebol

transformou 11 lances livres em 29 tentativas (37.94 %). O Beira-Mar conseguiu 17 cestas de campo, tendo convertido 16 lances livres em 34 tentados (47,058 %).

Esgueira, 45 — Sagalhos, 36

Jogo no Campo da Alameda, no domingo, de manhã.

Árbitros: Albano Baptista e António Rino.

ESGUEIRA — Vinagre 3, Raul 5, Manuel Pereira 11, Américo 18, César 8 e Ravara.

SANGALHOS — Barros 2, Arménio 1, Feliciano 11, Amândio 9, Alberto 13, Tavares, Farate e Calvo.

1.ª parte: 23-13. 2.ª parte: 22-23.

O Esgueira conseguiu 20 cestas de campo e converteu 5 lances livres em 13 tentativas (38,46 %). O Sangalhos obteve 14 cestas de campo e transformou 8 lances livres em 18 tentados (44,44 %).

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Galitos	7	7	—	—	243-165	21
Beira-Mar	7	6	—	1	291-213	19
Esgueira	7	4	—	3	237-220	15
Sangalhos	7	2	—	5	231-248	11
Illiabum	7	2	—	5	222-244	11
Sanjoanense	7	2	—	5	247-274	11
Cucujães	6	1	—	5	125-215	8

A próxima jornada:

HOJE — *Sangalhos-Galitos (20-43)*, em Sangalhos; *Sanjoanense-Cucujães (32-11)*, em S. João da Madeira; e *Beira-Mar-Esgueira (47-38)*, em Aveiro (Rinque do Parque).

A ACADÉMICA vem a Aveiro

Beira-Mar e Académica combinaram a realização, em Coimbra e Aveiro, de desafios-treino entre as suas turmas principais, que, como se sabe, são orientadas por dois dos mais competentes técnicos nacionais da modalidade: o Dr. Lúcio Lemos e o Prof. Alberto Martins.

No primeiro encontro, realizado em Coimbra na pretérita segunda-feira, a Académica triunfou por 65-49, com 37-22 no fim da primeira parte.

O segundo jogo está marcado para a próxima segunda-feira, pelas 22 horas, no Rinque do Parque. Antes do desafio — a efectuar com entradas francas —, defrontam-se dois grupos de infantis do Beira-Mar com início às 21 horas.

Júlio Dinis e Augusto Soromenho

Continuação da primeira página

tas aguias» ensaiaram forças para voar «às eminencias litterarias» — citando como exemplos, entre outros, Augusto Soromenho e Júlio Dinis.

Volto às cartas endereçadas a Custódio Passos:

b) — «Estou em Lisboa ha quasi oito dias. /.../ O Soromenho e o João Basto já me procuraram e recomendam-se-te» (Lisboa, 10 2-1869).

c) — «Adeus. Recomenda-me ao Luso, Silva, Nogueira Lima e aceita recomendações do Soromenho» (Lisboa, 27-5 1869).

d) — «O Soromenho é o mesmo homem. Traz atrancada na garganta a questão Barata e já por causa d'ella escreveu para França, Itália e Alemanha. Vi o Ramalho Ortigão na Biblioteca da Academia. Correu para mim com os braços abertos e com uma expressão que me deixou *sensibilisado*. Acheio-o adoentado; mais magra e sem côr. Leu deante de mim e do Soromenho o original de um folhetim sobre o Fr. Caetano Brandão, em que dá no Goyo d'uma maneira despiedada e n'aquelle estylo irritante com que elle costuma escrever as suas descomposturas litterarias. /.../ O João Basto e Soromenho recomendam-se-te muito» (Lisboa, 14-10-1869).

A «questão Barata», de que nos primeiros períodos se fala, era, por certo, a provocada por António Francisco Barata, com a publicação em Coimbra, precisamente em 1869, da *Carta a Augusto Soromenho sobre história antiga da Lusitânia*.

A alusão à falta de côr de Ramalho, que nele seria puramente acidental, trouxe-me à lembrança a palidez de Júlio Dinis e de Augusto Soromenho e, por associação de ideias, uma quadra dedicada a este último e que, apesar de inofensiva, muito o arreliou. A poesia é de Guerra Junqueiro e diz assim:

Nesse teu rosto de cêra
Soromenho, Soromenho,
Tens até bigode e pêra
Que é uma coisa que eu não tenho.

Perdoe-se-me a divagação — e atente-se agora na última carta desta série:

e) — «Os homens pertencentes ao nosso grupo, o dos *narizes torcidos*, cada vez os encontro mais dignos de pertencer lhe. O Soromenho já protestou não escrever mais em portuguez e a sua descrença de hoje já nem respeita uma certa individualidade, que foi por muito tempo para elle impecavel. Fiquei banzado quando fallei com elle e banzado continuo a andar com o que por aqui estou ouvindo» (Lisboa, 14-10-1869).

Na correspondência posterior remetida a Custódio Passos não se encontra qualquer referência expressa a Augusto Soromenho. Trata-se de cartas muito breves, redigidas durante um período de manifesta depressão, sendo nelas raríssimas as alusões aos amigos do romancista. Bem se compreende, de resto, a omissão do nome de Soromenho atentando nos lugares de proveniência e destino das missivas, diversos do lugar onde o ilustre aveirense se encontrava.

Uma há, todavia, que importa transcrever e convém sublinhar:

f) — «Meu caro Passos, Lisboa, 14 de Outubro de 1870. Cheguei a salvamento e estou com regular saude. Como bem e durmo menos mal. Parto para a Madeira, amanhã de manhã. *Encontrei o S... Sabe hoje tantas anedoctas pouco favoraveis ao Herculano, como d'antes sabia a favor d'elle. Que mundo este!* Hontem um literato da capital, o M. de... agarrou-me no Chiado, encaixou-me em uma loja de tabacos e impingiu-me o enredo de um drama em 5 actos, que anda meditando! Fiquei esmagado. Ha d'estes sinistros em Lisboa. Teu do coração — Coelho».

Ignoro absolutamente se os períodos destacados aludem a Soromenho. Não vi esclarecida, em parte alguma, aquela inicial reticenciada.

Parecerá difícil acreditar que Júlio Dinis quisesse esconder o nome de Soromenho sob o véu espesso de um hieroglifo — ele que sempre o escreveu, muito clara e desvanecidamente, com todas as letras. Por outro lado, a referir-se o romancista a Augusto Soromenho numa carta dirigida a Custódio Passos, mal poderá entender-se que não tenha enviado a este recomendações ou lembranças daquele, como sistemàticamente usava fazer.

Mas nada custa admitir que, em 14 de Outubro de 1870, Soromenho se permitisse alfinetar Herculano junto do seu íntimo amigo Júlio Dinis, ainda que isso pudesse causar-lhe desprazer. Um ano antes já ele o fazia, muito afoitamente, como se depreende da carta, acima mencionada, de 14 de Outubro de 1869.

Aceitando, com as necessárias reservas, que as passagens sublinhadas respeitem a Soromenho — e eu estou em crer que lhe respeitam —, parece-me seguro que o facto nelas revelado de modo algum diminuiu a afeição que Júlio Dinis lhe dedicava. É isto porque — como já salientei — em carta posterior, de 19 de Novembro de 1870, o romancista pedia a João Pedro da Costa Basto que o fizesse lembrado do ilustre aveirense. Soromenho continuava a ser digno do simpático grupo dos «narizes torcidos», a que Júlio Dinis se orgulhava de pertencer: a amizade entre ambos permanecia inalterável.

Há notícias de um facto, mais tardio ainda, que corrobora a asserção. Num dos seus frequentes encontros com o erudito e desafortunado professor, o grande e desventurado romancista, que em vão procurara na mudança de clima alguns alívios para a doença que o consumia, confidenciou-lhe as suas amarguras e os seus desalentos. Soromenho recorda a conversa dolorosa nestes termos impressionantes:

«Voltando da ilha da Madeira, disse-me: — Não torno lá. Para que hei de andar fugindo à morte? Para viver mais um anno, mais alguns mezes, assistindo diariamente a uma agonia lenta, e chorando na alma a cada passo que encontro aquelles que amo e hei de perder para sempre? Já basta: é melhor morrer».

Não será ousadia concluir que o ilustre aveirense era um dos amigos que Gomes Coelho dizia «amar».

Além das «nove cartas litterarias» de Soromenho que Júlio Dinis arrolou, verifica-se, pelas afirmações das reunidas nos *Inéditos e Esparsos*, que entre os dois se trocaram muitas outras. Não conheço uma só — nem de Augusto Soromenho para Júlio Dinis, nem deste para aquele. Creio que todas se extraviaram, deploràvelmente, que todas estarão perdidas, irremediàvelmente.

Por certo se topariam nelas elementos de excepcional importância para o estudo das relações existentes entre dois homens notáveis, grandemente afeiçoados, e também para a melhor compreensão de duas belas almas.

Arruinado por uma doença pulmonar implacável, Júlio Dinis faleceu no Porto, em 12 de Setembro de 1871. Augusto Soromenho sobreviveu-lhe. Entretanto — singular concordância! — «uma cruel doença pulmonar ia-lhe minando a existência e o ia impelindo para a sepultura». O egrégio aveirense sucumbiu — todavia, e ao que parece, vítima de um aneurisma — em 9 de Janeiro de 1878.

É muito provável que Soromenho haja dedicado, na imprensa da época, algumas palavras à memória do seu amigo e lhe tenha reservado lugar condigno na *Caravana de Mortos* — uma série de biografias que deixou manuscritas. É muito de supor que nos estudos críticos de Soromenho sobre vários escritores portugueses, designadamente nos publicados na *Revista Peninsular*, apareça algum relativo ao autor das *Pupilas*. E é também muito possível que na abundantíssima bibliografia sobre Júlio Dinis e sobre Augusto Soromenho — mais extensa do que geralmente se imagina — se guardem algumas referências de interesse para o esclarecimento do afecto que os uniu. Nada disto posso, de momento, averiguar.

O conhecido escritor José Pereira da Sampaio (Bruno) refere-se a umas traduções alemãs das obras de Júlio Dinis, publicadas pelo livreiro Brockhaus, de Leipzig, em edições de vulgarização «prefaciadas por Augusto Soromenho». Creio haver nisto um equívoco.

Na «Colecção Patricia», dirigida por Albino Forjaz de Sampaio, encontra-se um volume, intitulado *Júlio Dinis — A sua vida e a sua obra*, onde pode ler-se o seguinte: «Estudos a consultar sobre a sua figura e obra: Nas *Pupilas*, o estudo de A. Soromenho (1874)»; e mais adiante: «Na Alemanha há de *As Pupilas* uma contrafacção de Leipzig, 1875, com prologo de A. Soromenho».

O perfácio, estudo ou prólogo é a carta de Dezembro de 1874, que acima referi, dirigida por Augusto Soromenho ao livreiro Brockhaus. Conheço-a da grande edição de luxo de *As Pupilas do Senhor Reitor*, com ilustruções de Roque Gameiro, onde foi reproduzida com esta nota esclarecedora: «Carta que servio de prologo em 1875 à edição portuguesa das *Pupilas do Senhor Reitor*, feita em Leipzig (Alemanha) pela importante casa editora F. A. Brockhaus».

Esta carta do «notável orientalista e erudito professor do curso superior de Letras», como ali se lhe chama, é importantíssima para o estudo que deixo esboçado. Revela que, depois da morte de Júlio Dinis, Augusto Soromenho se manteve fiel à admiração e à amizade que sempre lhe tributara.

Pelos depoimentos conformes dos que com ele conviveram e pelas conclusões dos seus biógrafos melhor informados, sabe-se que Júlio Dinis foi um homem «honesto, singelo, pundonoroso, grato, amigo do seu amigo», um homem «de escrupulosíssima consciência» — um «coração de ouro», como resumiu Alberto Pimentel. E sabe-se que foi também um psicólogo admirável — que, por via de regra, conseguia surpreender «o que nas almas boas e delicadas há de mais subtil e generoso».

A constância das suas relações com Augusto Soromenho, que durante largos anos incluiu no número restrito dos seus amigos íntimos, reafirma a nobreza do seu carácter e a delicadeza dos seus afectos. Mas essa encantadora e persistente simpatia só foi possível porque o «iracundo e verberante» Soromenho, um dos famosos «refilões» de Aveiro, era também homem de excelentes virtudes, homem de reputação «pura e imaculada», como escreveu Ramalho — afinal «um nobre, honrado, sensível e agradecido coração».

Uma antítese moral entre Júlio Dinis e Augusto Soromenho provocaria, inevitàvelmente, uma repulsa — não teria cimentado uma tão profunda e duradoura amizade.

António Christo

A NAU S. VICENTE FEITA PARA A EXPANSÃO COMERCIAL PORTUGUESA

nos ESTALEIROS MÓNICA

foi solenemente lançada à água

No «bota abaixo», o sr. Ministro da Marinha afirmou:

FELICITO, não só quem teve a genial ideia da construção da Nau, mas também aqueles que contribuiram para a sua construção, nomeadamente o sr. Eng.º Ferreira David, com a sua abalizada competência./.../ Não foi fácil levar a bom termo a realização da referida construção, pois, à semelhança do que acontece quando as obras são belas e generosas, não faltam as contrariedades e as incompreensões, exactamente para pôr à prova a capacidade dos homens. Vai a «Nau S. Vicente» sulcar todos os mares, que outras semelhantes descobriram e devassaram, e, não podiamos ter melhor embaixador das nossas riquezas e da nossa História que a mensagem de que será portadora através dos vários países que serão visitados.

Disse o sr. Presidente do Conselho de Administração da «Nau S. Vicente» que todos ficarão sabendo o que fomos, o que somos e o que esperamos vir a ser. Eu, Ministro da Marinha, peço licença para que essas suas frases sejam rectificadas, pois prefiro que todos fiquem sabendo o que fomos, o que somos e o que queremos ser, com aquele querer resoluto e forte que vence todas as dificuldades e todos os obstáculos.

características da NAU

A Nau S. Vicente terá três convés — superior, médio e inferior — que, depois de decorados, constituirão verdadeiros salões de exposição.

O navio tem 65 metros de comprimento; 13.80 de boca (no bojo); 12.40 de boca (no convés; 7,70 de pontal ao convés (no pavimento); 7.70 de pavimento (bordo livre); 5.80 de pontal à coberta; 6,25 de imersão à linha de água. Deslocará 3 000 toneladas, estará equipado com um motor de 840 h. p., e possuirá 3 mastros.

A Nau S. Vicente momentos antes do «bota-abaixo» (gravura ao alto); em baixo, pode ver-se a maqueta do luxuoso e elegante galeão, que será, dentro em breve, um sugestivo e gigantesco cartaz de Portugal

REPORTAGEM

COM as costumadas manifestações de regozijo e júbilo, a *Nau S. Vicente* foi lançada às águas da Ria, na tarde do penúltimo domingo, das carreiras dos *Estaleiros Mónica*, onde começara a ser construída em Abril de 1956.

O luxuoso e enorme galeão, que só posteriormente virá a ser concluído, constitui, como no LITORAL já se referiu, um *evocativo monumento náutico da epopeia marítima de Portugal.* E, como também afirmámos, *levará a todos os portos do Mundo, a um tempo, a memória das façanhas marítimas e da arte de antanho e a afirmação da arte, do comércio e da indústria dos portugueses de hoje. Gigantesco e sugestivo cartaz lusíada, a qualquer parte onde chegue falará de Portugal.*

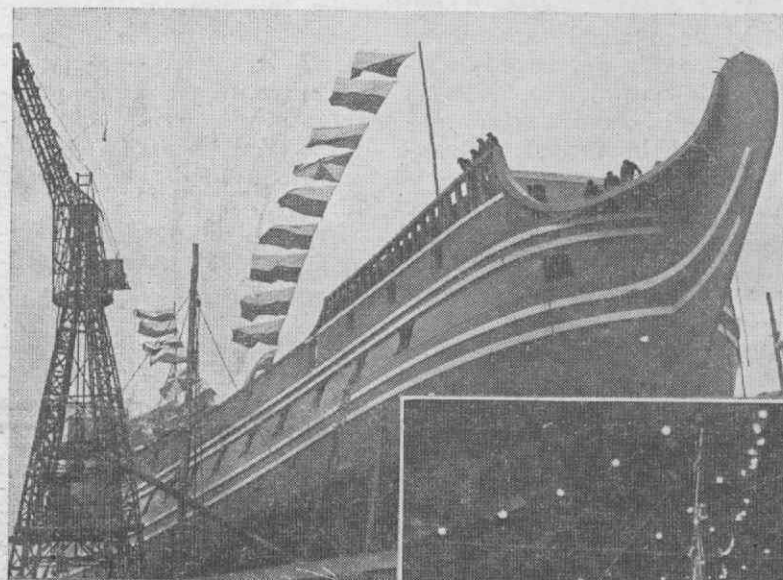
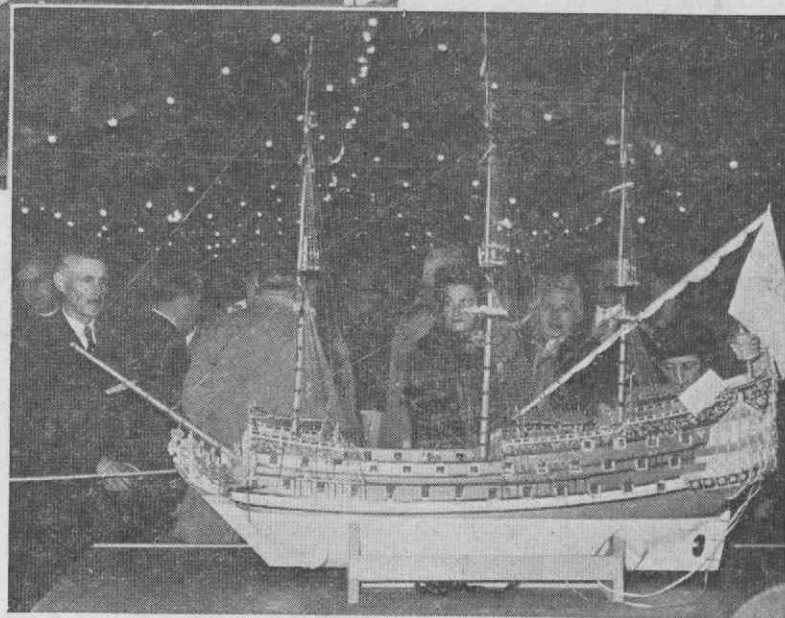
Para assistir à cerimónia do «bota-abaixo», deslocou-se a Aveiro o sr. Ministro da Marinha, Almirante Quintanilha de Mendonça Dias, que vinha acompanhado pelo seu ajudante, 1.º Tenente João Carlos Macedo Alvarenga, e outras entidades.

Na gare da estação do caminho de ferro, o ilustre membro do Governo foi cumprimentado pelo Governador Civil de Aveiro, sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, e por diversas autoridades, civis e militares.

O sr. Ministro da Marinha, seguiu, depois, para os Estaleiros S. Jacinto, em visita particular, sendo ali aguardado pelos srs. Carlos Roeder e D. António Sobral, do Conselho de Administração, e Dr. Francisco José do Vale Guimarães.

Durante o almoço que ali se realizou, houve troca de brindes entre o sr. D. António Sobral e o sr. Almirante Quintanilha de Mendonça Dias.

Pelas 16 horas, realizou-se a cerimónia do lançamento à água da *Nau S. Vicente,* à qual assistiram também, vindos expressamente de Lisboa, os srs.: Almirante Roboredo e Silva, Subchefe do Estado-Maior da Armada; Comandante Eduardo Metzner, Inspector-geral da Nau; Comandante Belo de Carvalho; Almirante Marques Esparteiro; comodoros Flávio de Sousa, Joel Pascal e Duarte Silva; Comandante Jacinto Pereira Cruz Filipe e Capitão-de-Mar-e-Guerra Francisco Gouveia Spínola, além de outros.

Estavam também presentes, além do Chefe do Distrito de Aveiro, os srs. Dr. Humberto Leitão, Vice-presidente da Câmara, em representação do Município; Coronel José Rodrigues Ricardo, Comandante Militar; Tenente-coronel Lopes Gagean, Comandante da Base Aérea 7, de S. Jacinto; Comandante Amândio Pires Cabral, Capitão do Porto; Comandante Manuel Branco Lopes, Vice-presidente da Junta Autónoma do Porto; Eng.º Coutinho de Lima, Director do Porto; Comissário Fernandes da Silva, pelo Comando da P. S. P.; Tenente Amaral Brites, Comandante da G. F.; Tenente Salvador Rodrigues, pela G. N. R.; outras entidades oficiais, e numerosos convidados.

Depois da benção, que foi dada pelo Bispo de Aveiro, sr. D. Domingos da Apresentação Fernandes, a madrinha, sr.ª D. Irene Maria Mendonça Dias da Fonseca, filha do sr. Ministro da Marinha, quebrou de encontro ao costado da Nau a tradicional garrafa de espumante, após o que o novo navio deslizou na carreira em óptimas condições e entrou em flutuação sob uma estrondosa salva de palmas e o apitar das sirenes dos Estaleiros e das embarcações atracadas nas proximidades, ao mesmo tempo que no espaço estoiravam muitos foguetes.

Na *Sala do Risco* dos Estaleiros, foi, depois, servido um finíssimo «copo d'água» às entidades oficiais e convidados. Aos brindes, usaram da palavra, na ordem que indicamos, os srs.: Comandante Francisco Spínola; Eng.º Ferreira David, autor do projecto da Nau e seu Director Técnico; Eng.º Manuel Dias Sobral, em nome dos Estaleiros Mónica; e Dr. Jaime Ferreira da Silva. A finalizar, falou o sr. Almirante Quintanilha de Mendonça Dias, ilustre Ministro da Marinha.

Do seu notável discurso — em que incluiu significativas palavras de evocação do saudoso Mestre Manuel Maria Mónica —, o LITORAL arquiva, hoje, algumas expressivas passagens.

O sr. Almirante Quintanilha de Mendonça Dias, ilustre Ministro da Marinha, quando pronunciava o seu discurso